

Contribuições do estágio no fazer docente como campo de pesquisa

Mateus Pereira Freireⁱ 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte,
Brasil

Bárbara Heloísy Costa Limaⁱⁱ 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte,
Brasil

1

Resumo

É comum sentir dificuldades durante o fazer docente ou identificar-se com a sala de aula, visto que há estigmas – não apenas com a área, mas também com questões de ordem societária quando envolve-se gênero e sexualidade – na educação. O seguinte trabalho tem como objetivo relatar as primeiras experiências enquanto estagiário em instituições públicas, consideradas as potencialidades e tensões advindas da prática formativa do estágio a partir da perspectiva de um educador não-heteronormativo. Com esse propósito, foi utilizada uma metodologia qualitativa e exploratória, baseada em levantamento bibliográfico e na análise das vivências práticas no estágio. Durante a prática muita coisa teve de ser adaptada, devido aos projetos da Secretaria Municipal de Educação, da própria instituição, ou a situações inesperadas durante as aulas, mas o plano de ensino concretizou-se de forma satisfatória.

Palavras-chave: Docência. Pedagogia. Estágio. Educação.

Contributions of the internship in teaching as a field of research

Abstract

It is common to experience difficulties during teaching or identifying with the classroom, as there are stigmas—not only related to the profession but also concerning societal issues when gender and sexuality are involved in education. This paper aims to report the initial experiences as an intern in public institutions, considering the potentialities and tensions arising from the formative practice of the internship from the perspective of a non-heteronormative educator. With this purpose, a qualitative and exploratory methodology was employed, based on bibliographic research and the analysis of practical experiences during the internship. During the practice, many aspects had to be adapted due to projects from the Municipal Department of Education, the institution itself, or unexpected situations during classes, but the teaching plan was successfully implemented.

Keywords: Teaching, Pedagogy, Internship, Education.

1 Introdução

A formação é um caminho agregador, espiral e contínuo. O fazer pedagógico requer, antes de tudo, motivação (pois, sem isso, seria impossível persistir no âmbito acadêmico), esforço e a abertura para desenvolver habilidades ao decorrer da graduação. Tendo-se isso em vista, não seria possível continuar a trilhar neste caminho sem a certeza, a identificação na área educacional e a desenvoltura de habilidades para lidar com o necessário do dia a dia escolar (vale ressaltar que não estou desconsiderando os espaços não-escolares como lugares de atuação pedagógica), apenas enfatizando que os estágios no curso de Pedagogia possuem um maior enfoque na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O seguinte trabalho trata-se de uma coletânea de experiências acerca das vivências experimentadas durante o período de estágio em uma escola de Ensino Fundamental, e as ponderações advindas a partir do contato com a prática pedagógica enquanto campo formativo e de pesquisa. O resultado esperado é criar um paralelo entre o experienciado e as teorias que antecedem a prática. Será perpassada cada etapa da proposta da disciplina teórico-prática da universidade (discussões teóricas, observação, planejamento, regência e intervenção), em seguida as considerações finais e as referências utilizadas para a elaboração do trabalho e das discussões. Portanto, o estágio:

[...] é compreendido enquanto atividade teórica instrumentalizadora da práxis, não se limita a aplicação de técnicas aprendidas, de conhecimentos adquiridos na formação acadêmica. O fundamental é aprender e mobilizar os diversos saberes, sobretudo, os próprios da Ciência da Educação, para assim, enfrentar os desafios, pesquisar, ensinar e aprender, constituindo-se assim num processo de mobilização e investigação na ação. Uma atividade teórico-prática em interação com os demais componentes do curso, portanto, desenvolvida em sintonia com a totalidade das ações do currículo (UERN, Estágio Curricular do Curso de Pedagogia).

O Estágio Supervisionado é concebido como um momento de identificação com a prática docente para muitos, pois – a depender da experiência vivenciada – pode-se ter uma noção de como é trabalhar em tal área como também é uma oportunidade para utilizar-se das teorias contempladas no decorrer do curso como suporte durante o fazer-se docente. Conforme Pimenta e Lima (2006, p. 7):

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer 'algo' ou 'ação'. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons.

3

Embora muitas vezes o mesmo seja reduzido a observar e reproduzir a forma que os professores dão aula e depois imitá-los, o estágio – que fornece uma integração teórica e prática para a docência – é uma atividade essencial para a formação de professores. Além de fornecer aos estagiários a oportunidade de conhecer e compreender a realidade educacional, ele também os ajuda a desenvolver os pontos de vista e habilidades necessários para a prática pedagógica. Ao longo do estágio, os futuros professores têm a oportunidade de observar, analisar e intervir em contextos de ensino reais. Isso permite uma formação mais abrangente e relevante. É necessário ter em mente que o objetivo do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual este atuará futuramente (Pimenta; Gonçalves, 1990).

Nosso texto está dividido em quatro partes principais. Na primeira, abordamos a metodologia utilizada, detalhando as etapas do levantamento bibliográfico e as experiências adquiridas durante o estágio, caracterizando a pesquisa como qualitativa e exploratória. Na segunda parte, discutimos os resultados obtidos, com ênfase na importância do diagnóstico inicial, as observações realizadas e as intervenções feitas em sala de aula. Em seguida, exploramos o planejamento das atividades pedagógicas, destacando os desafios e as soluções encontradas para adequar o conteúdo às necessidades dos alunos. Por fim, apresentamos as considerações finais, nas quais refletimos sobre as potencialidades e as tensões da prática docente no contexto do estágio, enfatizando a integração entre teoria e prática na formação de professores.

2 Metodologia

A pesquisa deu-se por meio de levantamento bibliográfico e de ponderações no decorrer da experiência, portanto caracterizando-se como qualitativa pois, pelas palavras de Minayo (2009, p. 21), “[...] responde a questões muito particulares [...] com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”) e exploratória, uma vez que foram utilizadas obras que tratam sobre o estágio como campo de pesquisa e a importância de uma boa didática (utilizando principalmente das teorias de Lima e Pimenta (2006)). Podemos aqui justificar por meio de Gil (2002, p.41) pois esse tipo de pesquisa – a exploratória – “[...] tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”, ou seja, pretende gerar uma maior familiaridade com a problemática proposta com o intuito de torná-la mais clara ou levantar deduções acerca do tema apresentado.

Como qualquer trabalho teórico-prático, não seria possível trabalhar aqui sem um referencial para melhor compreender acerca do estágio e as diferentes concepções que o permeiam. Tendo-se dito isto, foram elencados alguns textos que utilizamos para nortear a discussão. São eles: *Estágio e Pesquisa: caminhos para a formação inicial do professor pesquisador*, de Maria Cândida Müller (2007); *Estágio e docência: diferentes concepções*, de Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2006); *Por uma didática dos sentidos (transposição didática, interdisciplinaridade e contextualização)*, de Guiomar Namó de Mello (2004); e *Uma caminhada começa com o primeiro passo – o diagnóstico da escola*, também de Maria Socorro Lucena Lima (2004).

Como o estagiário estará, mesmo que momentaneamente, inserido naquele ambiente de ensino, é muito provável que este desenvolva ou busque novas concepções durante sua estadia – e é aqui que abre-se margem para a pesquisa. A ideia de "estágio como pesquisa" (Pimenta; Lima, 2006) refere-se ao uso do estágio como uma estratégia de aprendizagem que vai além da observação e prática. Esta abordagem vê o estágio como um método de investigação que permite aos estagiários aprender sobre a prática pedagógica e desenvolver habilidades de pesquisa – algo essencial na formação de novos pesquisadores nesta área. A pesquisa durante o estágio permite que os professores em formação melhorem sua compreensão do contexto educacional, desenvolvam uma perspectiva investigativa

e criem projetos que permitam uma análise crítica e problematização das situações que estão sendo observadas. Essa visão incentiva os estagiários a buscarem uma formação mais crítica e reflexiva, pois enfatiza o fato de que a prática e a teoria não devem ser dissociadas.

A disciplina teórico-prática contou com várias etapas: iniciando com aulas semanais para discussões sobre os textos com a sala na qual houveram diversas observações e relações feitas com o que foi vivenciado no primeiro estágio; a ida até a escola para conhecer o corpo docente e profissional, a infraestrutura, o contexto sociocultural bem como o alunado que a compõe; o planejamento das atividades, metodologias, conteúdos e recursos a serem utilizados durante as aulas a partir das observações realizadas, contando também com o auxílio e orientação dos professores; a regência com tudo o que fora preparado; e por fim, o projeto de intervenção cuja culminância ocorreu em conjunto com outras estagiárias da mesma instituição, curso e motivações.

5

3 Resultados e Discussões

A primeira parte de tudo é o diagnóstico e o quão importante ele é para que seja possível uma melhor compreensão da realidade escolar e mais significativa à nossa intervenção/atuação na mesma. Para realizar essa sondagem existem diversas metodologias, mas a participação de todos aqueles que compõem a escola são essenciais neste processo, bem como a uma análise das informações obtidas de forma criteriosa. Em suma, é indispensável para a melhoria e mudança dos processos educacionais.

No decorrer das aulas universitárias, foi-se articulado, com toda a turma, e compartilhadas experiências anteriores e/ou pessoais referente à práxis enquanto estagiários. Torna-se evidente aqui a importância do estágio para a formação inicial de futuros profissionais, afinal é nele que ocorre uma maior articulação entre teoria e prática – embora tenham-se casos em que reverbera-se a ideia de que deve ser apenas uma reprodução da prática do/a professor(a) *in loco*. Não pode-se reduzir esse momento a um simples momento prático, mas um espaço para o

desenvolvimento de pesquisa e a identificação como possível atuante na área – é algo necessário para a superação dicotômica entre teoria e prática.

Além das discussões acerca dos textos, também ocorriam partilhas sobre o estágio na Educação Infantil, o que esperava-se concretizar e como imaginava-se que seria a experiência nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Também ocorriam momentos para a retirada de dúvidas sobre a prática ou o planejamento, principalmente durante a semana de elaboração de planos de aula.

6

3.1 A observação

As atividades de estágio foram realizadas no período em que estagiei no turno vespertino – entre os dias 20 de maio e 18 de julho de 2024 – numa escola pública de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Mossoró, no interior do Estado do Rio Grande do Norte (RN). Esta primeira etapa ocorreu do dia 20 até o dia 24 de maio. A escola em questão funciona em dois turnos – matutino e vespertino – sendo o primeiro para os anos finais do Ensino Fundamental e o segundo para os anos iniciais. Sua estrutura comporta um total de 5 banheiros (2 infantis masculino e feminino, 2 para uso dos/as funcionários/as da instituição, e o último (feminino) localizado no primeiro andar, mas sempre trancado, porém os que estavam mais zelados eram aqueles utilizados pela equipe escolar.

O local possui uma quadra coberta, que é onde geralmente ocorrem as aulas de educação física e as culminâncias de projetos pedagógicos; há também as salas da cordelteca¹, de leitura e da biblioteca, cuja responsável fica encarregada dos dois espaços bem como leva semanalmente alguma história para ser contada nas salas; a sala de Atendimento Educacional Especializado² (AEE) que funciona nos dois turnos, porém a profissional contratada pelo turno da tarde não encontra-se mais no

¹ Local destinado para a leitura e exposição de cordéis. No período em questão estava fechada devido à falta de climatização, geralmente o contato vinha ocorrendo pela apresentação nas salas de aula.

² AEE é a mediação pedagógica que visa possibilitar o acesso ao currículo pelo atendimento às necessidades educacionais específicas dos alunos com deficiência, transtorno e altas habilidades ou superdotação, público da educação especial, devendo a sua oferta constar do projeto pedagógico da escola (Decreto nº 7.611/2011), em todas as etapas e modalidades da educação básica.

local pois conseguiu assumir uma vaga num concurso, o que fez com que as atividades e acompanhamentos vespertinos fossem interrompidos.

No quesito alimentação, a instituição possui um cardápio mensal disponibilizado na entrada da escola, porém não há um refeitório ativo (apenas a cozinha onde é feito o preparo do lanche), o que faz com que utilizem a sala de aula para a hora do lanche. Sendo assim, o intervalo é dividido em duas partes: do 1º ao 4º anos, tinha-se o horário do lanche (15:10h-15:20h) no qual as crianças buscavam-no para comer em sala e o recreio (15:20h-15:30h) em que eles saíam da sala para brincar e depois retornavam; nos 5º anos (cuja salas ficavam no 1º andar) o intervalo e o lanche eram das 15h até às 15:30h.

Há ainda as salas da secretaria, da diretoria, da copa, dos professores, da coordenadora pedagógica e um antigo refeitório desativado (o qual era utilizado pela instituição anterior) que hoje serve como depósito de carteiras novas, e algumas salas fechadas que não são muito espaçosas para uso ou são abertas somente pela manhã.

O lócus de regência para o qual fui destinado pela coordenadora pedagógica foi o 3º ano “A”, cuja professora titular exerce função em sala de aula há 24 anos e é concursada pela prefeitura e pelo Estado (por essa razão dá aula em dois locais diferentes). A professora possui especialização em Gestão Escolar, mas lamentou por não ter mais tempo para buscar um outro título. Também existe uma auxiliar de sala que está cursando pedagogia pela rede privada e é a responsável pelo acompanhamento de um dos alunos com TEA³ severo. A turma é composta por 24 alunos matriculados, tendo-se 4 alunos com laudos que confirmam Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH)⁴ e/ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), e 3 em diagnóstico. Geralmente estavam presentes cerca de 10-18 estudantes em sala diariamente. Quando o aluno com TEA severo falta, a auxiliar ajuda com as outras crianças no decorrer da aula.

³ Distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, por vezes apresentando um repertório restrito de interesses e atividades.

⁴ Doença crônica que inclui dificuldade de atenção, hiperatividade e impulsividade.

Uma reclamação que ouvi da professora enquanto conversava sobre como era feito o planejamento dela foi em relação à organização das disciplinas das segundas-feiras, pois são muitas matérias para um mesmo dia, o que logo comprovei na prática – 2 aulas de Matemática, em seguida eram Ensino Religioso, Ciências e Artes. Apesar do pouco tempo, as aulas geralmente iniciavam às 13:30h e finalizam em torno das 17:10h.

8

A princípio houve um diferencial que chamou atenção na sala: o espaço é grande, arejado, bem iluminado e é climatizado, mas não havia birô e cadeira para a professora; dentre todas as salas, aquela era a única em que a educadora utilizava as mesmas mesa e cadeira que os alunos. De restante, apenas o que desagradou foi o tamanho da lousa por ser pequena. Provavelmente na sala anterior fosse melhor, mas não tive acesso para confirmar, pois foi-me dito que, devido às chuvas fortes, o teto acabou despencando e, por isso, mudaram para aquela sala que, até então, estava vazia. Não havia interrupções na aula por fatores externos, mas ela produz muito eco, o que ocasionava em interrupções por parte dos alunos quando ocorria algum falatório (o que era constante).

Havia dias em que planejavam algum material audiovisual para ser trabalhado. Apesar da escola possuir uma Sala de Multimídia excelente, geralmente era utilizado o próprio projetor da estagiária auxiliar para reproduzir as mídias, pois era menos trabalhoso de organizar-se e não fazia-se mais necessário deslocar-se com as crianças. Falando em aulas diferentes, recordo-me que, dentre os vários projetos que estavam ativos na escola, havia um, chamado de Projeto de Intervenção, cujo intuito era reforçar o ensino de língua portuguesa e alfabetização, pois grande parte da turma ainda não é alfabetizada. Dessa forma, durante as segundas e quartas-feiras, as turmas dos 3º anos “A” e “B” colaboram entre si: quem sabe ler fica na sala da turma “A” para treinar interpretação e leitura de texto, e os que não sabem vão para a sala da turma “B” para a alfabetização. Outros projetos que estavam presentes durante o período em questão foram o Projeto Valores, no qual cada série trabalha um valor bimestral; o Projeto da Semana do Meio Ambiente, que visa orientar as crianças acerca de práticas de preservação do meio ambiente; e

o Projeto de Leitura, que visa trabalhar com obras de autores/as nacionais, cada série tinha um(a) autor(a) específico(a).

3.2 O planejamento

9

O período de planejamento ocorreu entre os dias 27 a 31 de maio de forma remota. Os planos de aula foram elaborados com base no conteúdo do planejamento da professora titular. Por meio de mensagens do *Whatsapp*⁵ (ou até mesmo em sala) foi feita uma troca de ideias sobre o que poderia ser realizado. O único problema foi a escassez de livros didáticos para conseguir planejar: somente consegui alguns livros de algumas disciplinas devido a transferência de um aluno; o restante dos livros tiveram de ser pegos emprestados pela professora, a qual encorajou a não me prender aos horários comuns que a mesma vinha cumprindo.

Apesar de possuir os livros, havia um outro problema: eles eram escassos de conteúdo – o que me deu a oportunidade de implementá-los de forma satisfatória. Tal qual os conteúdos para ensinar, também investi em elaborar atividades próprias e recursos diferentes dos que já eram utilizados. O PPP⁶ da escola não foi levado em consideração na organização do planejamento devido à falta de acesso ao mesmo, apesar de solicitado.

O plano de aula foi feito por meio de tabelas diárias, as quais continham: informações da turma, nomes do estagiário e professora, componentes curriculares, objetivos e temáticas para o dia, bem como competências/conteúdos conforme a BNCC⁷, como e em quanto tempo se dará o desenvolvimento metodológico, recursos e referências utilizados e a forma de avaliação.

3.3 A regência

⁵ Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones desenvolvido pela Meta.

⁶ Projeto Político Pedagógico é um documento no qual estão registradas as ações e projetos que uma determinada comunidade escolar busca para seu ano letivo.

⁷ A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo definidor do conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

O período de regência deu-se do dia 3 até o dia 14 de junho de 2024. Pontualidade foi essencial, pois há a responsabilidade de levar a turma em fila para a sala. A turma foi bastante receptiva e enérgica durante esses dias, antes de iniciar as aulas sempre havia alguma conversa antes da oração (esta que sempre ocorria logo após a chegada de um aluno em específico, o qual é acompanhado pela auxiliar de sala, pois o mesmo tinha dificuldade de ter uma rotina estabelecida e só compreendia que a aula iniciou após o ato de orar), mas sinto que poderia ter interagido de forma melhor que não fosse apenas para ensinar. Como eu tive que dar aulas para as duas turmas do 3º ano, foi um pouco difícil aprender e chamá-los pelos nomes corretos, mas devido alguns terem sido mais interativos/participativos, foi mais fácil de reconhecê-los.

No início era difícil dar aula pois ainda não era reconhecido como alguém detentor de autoridade, o que ocasionava na participação da educadora titular para pedir a colaboração da turma com atenção e silêncio, mas com o tempo eles começaram a participar e prestar mais atenção – principalmente quando trazia algo diferente.

Foi muito difícil, e até certas vezes frustrante, dar aula em alguns momentos em que ninguém estava me ouvindo pois preferiam conversar – embora alguns assuntos realmente não são muito interessantes para todos – ou todos pediam para ir ao banheiro ou beber água ao mesmo tempo ou sequencialmente. Apenas alguns poucos faltaram com respeito quando chamados a atenção.

Outros tópicos também fazem parte da experiência, quer a gente queira ou não, pois envolvem o âmbito societário. Surpreendentemente, não senti dificuldade e resistência por parte de funcionários e/ou dos responsáveis quanto à minha sexualidade e estilo se comparado a minha estadia na Educação Infantil. Embora eu compreenda que já é uma visão encravada no popular de que todo pedagogo não é heterossexual e de que homens na educação infantil representam perigo devido ao abuso e assédio dos menores – mesmo que em grande parte dos casos envolvam como culpados vizinhos, amigos do ciclo familiar ou até mesmo alguém da própria família vistos como “de confiança”.

O que mais pareceu um empecilho para mim aqui, foi saber o conteúdo e o receio de não conseguir transpor aquilo da forma correta para os alunos conseguirem abstrair, mas depois de iniciar a aula, as coisas fluíram bem e consegui responder às “perguntas surpresa” dos estudantes sem dificuldade. Julgo que foi fácil porque, da mesma forma que tento escrever para que todos que leiam consigam entender, também me preocupo com os que vão ouvir.

11

Após observar que muitos alunos tinham dificuldade de internalizar certos conceitos ou até escrever, utilizei de recursos práticos de acordo com o tema das aulas bem como também trabalhei com atividades escritas na lousa – foi nítido que a maioria não costumava praticar a escrita quando demoravam cerca de uma hora para transcrever da lousa, que não era grande, para o caderno, mas vez ou outra algum deles perguntava qual era a palavra escrita enquanto apontavam, mas isso já ocorria antes. Quando percebi que eles focavam e participavam mais do conteúdo com o auxílio de elementos visuais, passei a fazer mais desenhos durante a explicação (como por exemplo, as partes das plantas e quais partes comemos delas).

Muitos alunos tinham dificuldade em desenvolver noções básicas de multiplicação e divisão com números naturais. Por essa razão decidi aproximá-los de forma prática: num dia foi-lhes apresentado uma tabuada giratória em que um por vez viria até ela, escolheria uma multiplicação (por exemplo 3×2) e responderia, depois giraria a peça para confirmar o resultado; noutra aula sobre conceitos iniciais da divisão, foi levada uma base circular de madeira semelhante a uma pizza, com pincéis de quadro as duplas faziam a divisão das fatias em partes iguais entre eles, pintando cada fatia com um cor diferente e respondiam quanto ficaria para cada.

Um outro recurso interessante que funcionou foi numa aula de geografia sobre paisagem natural e os elementos que a compõem. Depois de recapitular sobre esse tema, apresentei para cada dupla uma maquete do trecho das duas pontes que passam sobre o Rio Mossoró feita em caixa de pizza com materiais reciclados. Foi solicitado que apontassem os elementos naturais e artificiais que fazem parte daquela paisagem e todas conseguiram compreender melhor sobre o tema. Ter utilizado tal método contribui bastante para o planejamento da professora titular pois

haveria um projeto para que as crianças façam uma maquete de algum patrimônio local e posteriormente visitamos com os alunos alguns desses mesmos patrimônios para que as crianças conheçam e escolham um para retratar na maquete.

Por fim, o destaque de participação foi durante uma aula na semana do Meio Ambiente onde fizemos origamis e pinturas para completar a exposição dos galhos de uma árvore; e uma atividade sobre cordéis com a contação do cordel “Os Animais Têm Razão”, de Antônio Francisco⁸, por meio de teatro de sombras e também a realização de pinturas com xilogravura⁹ sobre o cordel apresentado (o que é positivo, pois é contato que está cada vez mais escasso, apesar do elemento ser pertencente à cultura local).

Vale ressaltar também a participação e interação de um dos alunos com grau severo de TEA no que foi colocado para sua desenvoltura no PEI¹⁰. O momento em que ele mais verbalizou e participou foi enquanto brincava com fantoches.

3.4 A intervenção

É sabido que o abuso sexual é algo recorrente e que, embora de forma infeliz, os casos denunciados são muito inferiores se comparados àqueles que sequer são registrados. Apesar de ser um tema comum de ser trabalhado nas escolas durante o Maio Laranja, foi percebido que muitos profissionais abordaram (como outros assuntos) a temática com certa relutância ou de forma superficial.

Dessa forma, foi feito em conjunto com outras estagiárias, uma intervenção com o objetivo de prevenir o abuso infantil, conscientizar sobre o que é o abuso e quais medidas devem ser tomadas, fazer com que seja possível identificar os sinais de assédio e destacar a importância de um vínculo de confiança entre a criança e o adulto.

⁸ Antônio Francisco Teixeira de Melo é um cordelista, xilógrafo e compositor potiguar.

⁹ Técnica de impressão antiga que consiste no corte de uma figura em madeira e sua impressão em outro material.

¹⁰ O Plano Educacional Individualizado é uma ferramenta essencial no contexto da educação inclusiva. É por meio dele que pode ser possível trabalhar o currículo com os alunos com maior dificuldade ou necessidades específicas.

A próxima etapa após o diagnóstico é a do planejamento. É necessário saber aqui o que seria feito, como, por quem, quando, onde e o motivo. O projeto de intervenção deu-se de forma presencial como uma palestra e contou com o tema “Prevenção ao Abuso Infantil: vigiar e combater!”. O evento ocorreu na própria instituição com a presença de cerca de 90 alunos, sendo eles das turmas dos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos, no dia 19 de junho de 2024. A palestrante escolhida possui obras publicadas sobre o tema e costuma trabalhar com ele nas escolas locais.

13

É inequívoco dizer que tal evento contribuiu bastante para a instituição e para futuras sondagens com projetos a serem trabalhados na escola. Foi promovida uma abordagem sobre um tema tido como dificultoso de forma lúdica, participativa e agregadora, o que possibilitou a construção de conhecimentos, mesmo que por vezes iniciais, sobre a autopreservação em situações de perigo e/ou exposição indesejados.

4 Considerações finais

As experiências relatadas até aqui tiveram como objetivo refletir sobre as potencialidades e desafios do estágio supervisionado como campo de pesquisa e formação docente, a partir da perspectiva de um educador não-heteronormativo. Com esse propósito, utilizamos uma metodologia qualitativa e exploratória, baseada em levantamento bibliográfico e na análise das vivências no estágio. O estágio foi realizado em uma escola pública de Ensino Fundamental, localizada em Mossoró, RN, com turmas do 3º ano. Durante o período, foram observadas as práticas pedagógicas, realizadas atividades de regência e implementadas intervenções didáticas, visando aproximar teoria e prática, com foco no desenvolvimento de habilidades pedagógicas e reflexivas para o exercício da docência.

A aprendizagem é algo que se faz em conjunto com a prática, pois teoria e prática são amalgamadas uma à outra quando envolve-se o fazer docente. É realmente necessário não compartilhar do estigma de que “na prática, a teoria é outra”, mas é difícil manter-se com este pensamento imutável em meio ao possível “caos” presenciado em sala de aula.

É comum sentir dificuldades durante o fazer docente ou identificar-se nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ou mesmo na Educação Infantil, visto que há estigmas – não apenas com a área, mas também com questões de ordem societária quando envolve-se gênero e sexualidade – na área educacional. O seguinte trabalho teve como objetivo relatar experiências enquanto estagiário em instituições públicas de ensino, consideradas as potencialidades e tensões advindas da prática formativa do estágio a partir da perspectiva de um educador não-heteronormativo. Durante a prática muita coisa teve de ser adaptada, devido aos projetos da Secretaria Municipal de Educação, da própria instituição, ou a situações inesperadas durante as aulas, mas o plano de ensino concretizou-se de forma satisfatória.

Em suma, foi uma ótima experiência, embora que dificultosa, em relação à práxis docente. Identifico que é necessário ainda melhorar em questões de interação com o alunado e os profissionais institucionais, mas que foi possível exercer uma boa transposição didática em relação ao conteúdo. É esperado uma maior identificação em relação à atuação em sala de aula e a possibilidade de reconhecer-se enquanto pedagogo em formação e pesquisador nesse espaço.

Referências

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 7 jul. 2024.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. Uma grande caminhada começa com o primeiro passo? o diagnóstico da escola. P. 21-27. 2ª ed. **rev. Fortaleza**: Edições Demócrito Rocha, 2004.

MELLO, Guiomar Namó de; DALLAN, Maura Chezzi; GRELLET, Vera. Por uma didática dos sentidos (transposição didática, interdisciplinaridade e contextualização). **Educação escolar brasileira**: o que trouxemos do século XX? São Paulo: Artmed, 2004, p. 59-64.

MINAYO, C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MULLER, Maria Candida. Estágio e Pesquisa: caminhos para a formação inicial do professor pesquisador. **Revista de Ciências Gerenciais**, v. XI, p. 101-109, 2007.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Estágio Curricular**. Curso de Pedagogia, Pau dos Ferros. Disponível em: <https://portal.uern.br/paudosferros/pedagogia/estagio-curricular/>. Acesso em: 8 jul. 2024.

ⁱ **Mateus Pereira Freire**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5738-9722>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Departamento de Educação; Faculdade de Educação.

Graduando em Pedagogia; bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia (Sesu/MEC); e integrante do projeto de extensão Educação e Comunicação Interativa: estreitando laços entre FE/UERN e a comunidade por meio de redes interativas.

Contribuição de autoria: autoria e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4178131099479939>

E-mail: mateuspereira2061@gmail.com

ⁱⁱ **Bárbara Heloísy Costa Lima**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8427-5306>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Departamento de Educação; Faculdade de Educação.

Graduanda em Pedagogia; bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia (Sesu/MEC); e integrante do projeto de extensão Educação e Comunicação Interativa: estreitando laços entre FE/UERN e a comunidade por meio de redes interativas.

Contribuição de autoria: revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7665316887367236>

E-mail: barbaraheloisy01@gmail.com

Editora responsável: Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 7 de setembro de 2024.

Aceito em 24 de setembro de 2024.

Publicado em 18 de outubro de 2024.

Como citar este artigo (ABNT):

FREIRE, Mateus Pereira; LIMA, Bárbara Heloísy Costa. Contribuições do estágio no fazer docente como campo de pesquisa. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2024.